



Educação linguística afrocentrada e vocabulário digital: práticas para um ensino antirracista

Afrocentric linguistic education and digital vocabulary: practices for an anti-racist teaching

Josimar Santana SILVA*

Silvana Silva de Farias ARAÚJO**

Patricio Nunes BARREIROS***

RESUMO: Nas últimas décadas, o avanço das tecnologias digitais expandiu as maneiras de produzir, acessar e compartilhar conhecimentos linguísticos, criando oportunidades para o trabalho pedagógico. Nesse cenário, as Tecnologias de informações e comunicação (TICs) vêm sendo gradualmente integradas ao campo educacional não apenas pela expectativa de tornar as práticas de ensino mais dinâmicas e interativas, mas também pela necessidade de refletir criticamente sobre seu uso. Assim, o presente artigo tem o objetivo de refletir os usos pedagógicos das tecnologias digitais no processo de valorização das línguas africanas presentes nas variedades do português angolano e brasileiro, por meio da construção de um vocabulário digital com fins pedagógicos voltado à educação linguística afrocentrada. A pesquisa parte da constatação da ausência de vocábulos de origem africana em dicionários digitais especializados, evidenciando, assim, uma lacuna que impacta tanto a representatividade cultural quanto a compreensão mais ampla da diversidade linguística presente no português brasileiro. Como metodologia, foi utilizado o programa computacional AntConc, que seleciona todas as lexias presentes nos corpora para posterior análises. Utilizou-se ainda as premissas da lexicografia moderna, que consiste na utilização de *corpus* e ferramentas computacionais para produção de obras lexicográficas. Foram utilizados dois corpora distintos: o primeiro composto por entrevistas realizadas em Luanda (Angola), nos anos de 2008 e 2013 pertencente ao projeto em busca de raízes do português brasileiro: fase III, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); e o segundo, por registros orais coletados em 2019 na comunidade quilombola Mussuca, localizada no estado de Sergipe, pertencentes ao banco de dados da tese de pós-doutoramento da professora Dra. Silvana Silva

* Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professor da Secretaria Municipal de Serrinha e Conceição do Coité- BA, Serrinha, BA – Brasil. josimar.santanna.silva@gmail.com

**Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Plena no Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, BA – Brasil. silvanaaraujo@uefs.br

***Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Pleno do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, BA – Brasil. patricio@uefs.br

de Farias Araujo. A análise desses materiais permitiu identificar e sistematizar um conjunto de palavras de origem africana, analisadas conforme obras lexicográficas disponíveis de forma física, como as de Castro (2001; 2002) e o dicionário kimbundu-português, de Assis Júnior (1947).

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias digitais. Educação linguística. Léxico. Línguas africanas. Vocabulário digital.

ABSTRACT: In recent decades, the advancement of digital technologies has expanded ways to produce, access and share language knowledge, creating opportunities for pedagogical work. In this scenario, information and communication technologies (ICTs) have been gradually integrated into the educational field not only by the expectation of making teaching practices more dynamic and interactive, but also by the need to critically reflect on their use. Thus, this article aims to reflect the pedagogical uses of digital technologies in the process of valorization of African languages present in the varieties of Angolan and Brazilian Portuguese, through the construction of a digital vocabulary for pedagogical purposes aimed at Afro-Brazilian language education. The research starts from the observation of the absence of African origin words in specialized digital dictionaries, thus evidencing a gap that impacts both cultural representativeness and the broader understanding of the linguistic diversity present in Brazilian Portuguese. As a methodology, the AntConc computer program was used, which selects all lexicons present in the corpora for further analysis. It was also used the premises of modern lexicography, which consists in the use of *corpus* and computational tools for production of lexicographic works. Two distinct corpora were used: the first composed of interviews conducted in Luanda (Angola), in 2008 and 2013 belonging to the project in search of roots of Brazilian Portuguese: phase III, of the State University of Feira de Santana (UEFS); and the second, by oral records collected in 2019 in the quilombola community Mussuca, located in the state of Sergipe, belonging to the database of the postdoctoral thesis of professor Dra. Silvana Silva de Farias Araujo. The analysis of these materials allowed to identify and systematize a set of words of African origin, analyzed according to lexicographical works available in physical form, such as those of Castro (2001; 2002) and the Kimbundu-Portuguese dictionary of Assis Júnior (1947).

KEYWORDS: Digital technologies. Linguistic education. Lexicon. African languages. Digital vocabulary.

Artigo recebido em: 30.06.2025

Artigo aprovado em: 19.11.2025

1 Introdução

De forma geral, tende-se a vincular a tecnologia da informação e comunicação (TIC) à potencialização dos processos de ensino e aprendizagem. Há uma expectativa recorrente de que esses recursos digitais promovam maior engajamento dos estudantes e provoquem transformações significativas nas práticas pedagógicas

tradicionais. Apesar das múltiplas possibilidades e benefícios oferecidos pela TIC, sobretudo no que concerne ao registro do léxico e da cultura africana, é importante compreender que seu uso eficaz não se resume à uma simples inserção no ambiente escolar, mas exige um processo consciente de integração pedagógica, que leve em conta a escolha e o uso criterioso das tecnologias mais adequadas aos objetivos educativos.

Nas últimas décadas, o avanço das tecnologias digitais ampliou as formas de produzir, acessar e compartilhar conhecimentos linguísticos, abrindo novas possibilidades para o trabalho pedagógico. Nesse contexto, as TICs têm sido gradualmente incorporadas ao campo educacional não apenas pela expectativa de tornar as práticas de ensino mais dinâmicas e interativas, mas também pela necessidade de refletir criticamente sobre sua aplicação. Assim, sua adoção requer planejamento intencional e alinhamento aos objetivos formativos, de modo que contribuam efetivamente para a construção do conhecimento.

Diante disso, a proposta deste artigo é refletir sobre os usos pedagógicos das tecnologias digitais no processo de valorização das línguas africanas presentes no português, com ênfase na construção de um vocabulário digital como instrumento de preservação, visibilidade e ensino dessas heranças linguísticas.

Entende-se, portanto, que ao reconhecer a contribuição das línguas africanas na formação das variedades do português, especialmente por meio do léxico de origem africana, propõe-se uma abordagem afrocentrada da educação linguística, que busca reverter processos históricos de apagamento e inferiorização dessas formas de expressão. A criação de um vocabulário digital voltado para esses vocábulos constitui uma iniciativa que une inovação tecnológica e justiça epistemológica, oferecendo uma plataforma acessível e pedagógica para estudantes, docentes e pesquisadores.

Assim, este trabalho insere-se em um esforço de integração entre tecnologia, memória e educação antirracista, defendendo que os recursos digitais podem (e devem) ser utilizados como ferramentas para a promoção da diversidade linguística e

cultural. Dessa forma, ao aproximar os recursos digitais da valorização das línguas de matriz africana, este artigo se insere em um movimento que ultrapassa o âmbito pedagógico e alcança dimensões políticas e culturais. Entrelaçam-se, nesse percurso, práticas de linguagem e tecnologias que buscam contribuir para a reparação histórica e para a consolidação de uma perspectiva educacional decolonial, sensível à diversidade de vozes que constituem a identidade linguística brasileira.

2 Revitalização linguística e justiça epistêmica: o lugar das línguas africanas no mundo digital

Nas últimas três décadas, as tecnologias digitais têm desempenhado um papel cada vez mais central no ensino e aprendizagem de línguas, sobretudo por meio de práticas como a telecolaboração e os intercâmbios virtuais, a exemplo de iniciativas como o MIT Cultura e o Teletandem Brasil (Silva; Silva; Salomão, 2024). Além disso, observa-se a ampla incorporação de aplicativos móveis voltados ao ensino de línguas, de dicionários digitais, de sistemas de tradução automática, bem como a expansão de plataformas de cursos on-line, entre outros recursos digitais voltados à mediação linguística.

Esses recursos, quando analisados de forma crítica, permitem evidenciar tanto os vieses eurocêntricos presentes em muitas tecnologias quanto os apagamentos de repertórios linguísticos afrodiaspóricos que elas frequentemente reproduzem. Ao mesmo tempo, oferecem possibilidades para a construção e circulação de vocabulários digitais que valorizem línguas africanas, variedades do português falado por populações negras e termos de matriz africana historicamente marginalizados.

Assim, o uso pedagógico dessas ferramentas se articula à formação de sujeitos críticos capazes de identificar e questionar manifestações de racismo algorítmico, bem como de produzir conteúdos digitais que reafirmem saberes, identidades e epistemologias negras, contribuindo para um ensino de línguas verdadeiramente inclusivo e antirracista.

O avanço das tecnologias digitais tem proporcionado novas possibilidades para o campo da linguística aplicada e da educação linguística, especialmente no que se refere à preservação e valorização de línguas historicamente marginalizadas (Crystal, 2011). Em um cenário global marcado pela hegemonia de poucas línguas de prestígio internacional, como o inglês, muitas línguas como as autóctones africanas têm sofrido processos acelerados de erosão linguística. Nesse contexto, as ferramentas digitais podem se configurar como aliadas fundamentais na preservação linguística desses grupos.

Plataformas digitais, aplicativos de ensino de línguas, redes sociais, blogs, canais de vídeo e dicionários on-line vêm sendo apropriados por falantes de línguas minoritárias como espaços de visibilização e fortalecimento de suas identidades linguísticas. Ao permitir que essas línguas circulem em novos ambientes comunicacionais, a tecnologia promove a reexistência digital, ou seja, formas de resistência e reafirmação cultural mediadas por ambientes tecnológicos.

Em termos conceituais, quando línguas historicamente marginalizadas passam a aparecer, ser usadas e valorizadas em espaços digitais, como redes sociais, plataformas de ensino, aplicativos, podcasts ou sites, elas ganham novos territórios de circulação. Isso não apenas garante que essas línguas continuem existindo, mas também que reexistam, isto é, que assumam novas formas de presença que funcionam como resistência ao apagamento cultural sofrido ao longo do tempo.

Para Bortoni-Ricardo e Silva (2022), as tecnologias digitais representam ferramentas significativas para o processo de ensino e aprendizagem de línguas, tanto no que se refere à língua materna quanto às línguas estrangeiras. Este fato tem evidenciado um cenário favorável à inserção dessas tecnologias no contexto educacional.

É importante destacar, sobretudo, que o ambiente digital não tem como objetivo substituir os suportes tradicionais da escrita. No entanto, Rojo (2012, 2019) argumenta que o digital introduz novos letramentos e novas formas de textualidade (hipertextual,

multimodal, colaborativa), ressalta ainda que esses novos suportes convivem com materiais impressos. Para Rojo (2012, 2019), não há substituição, mas expansão do ecossistema comunicativo. Os suportes se complementam, e as práticas de leitura e escrita tornam-se mais complexas, híbridas e multissemióticas.

Braga (2013) enfatiza que a cultura digital reorganiza as práticas comunicacionais, mas não elimina as formas tradicionais. Destaca que a escrita digital cria novas materialidades e novos modos de produção discursiva, porém o impresso permanece importante em contextos acadêmicos, institucionais e culturais. Assim como Rojo (2012, 2019), reforça a ideia de coexistência e continuidade histórica, não de substituição.

Bortoni-Ricardo e Silva (2022) destacam ainda que outro aspecto relevante é o uso potencial das tecnologias digitais no aprendizado de línguas estrangeiras. Mesmo na ausência de materiais físicos, o que ocorre com as línguas autóctones africanas, visto que o registro de lexias é bastante escasso, a internet é um substituto, ou seja, viabiliza um maior contato com múltiplas línguas por meio de plataformas interativas permitindo que os aprendizes desenvolvam habilidades comunicativas em línguas diversas de forma autônoma e contínua.

Por muito tempo, as línguas africanas passaram por um processo sistemático de apagamento, ocasionado pelas políticas coloniais e pela imposição cultural europeia durante e após a colonização. Esse apagamento ocorreu tanto pela desvalorização dessas línguas em espaços formais, como a escola e a administração pública, quanto pela tentativa de substituí-las por línguas coloniais, entre elas o português.

Esse apagamento linguístico contribuiu para a perda de prestígio social e cultural dessas línguas, afetando a transmissão intergeracional, o desenvolvimento de sistemas de escrita e sua presença em meios de comunicação e tecnologias. Ainda hoje, apesar dos avanços em políticas de valorização da diversidade linguística, as línguas africanas enfrentam desafios para ocupar plenamente seu lugar nos espaços de poder, especialmente no mundo digital (Silva, 2025).

Silva (2025) afirma que o período da colonização, um dos mais violentos e transformadores da história mundial, deixou marcas profundas nas sociedades colonizadas, especialmente nas culturas e línguas africanas. Durante esse processo, a imposição das línguas europeias sobre as línguas nativas gerou uma complexa dinâmica de poder e identidade. As línguas africanas, frequentemente relegadas a uma condição inferior, foram tratadas como "bastardas" pelos colonizadores, evidenciando uma visão distorcida, excludente e discriminatória imposta aos povos africanos. (é importante interpretar a citação dentro do artigo acadêmico)

Segundo Boaventura, Santos e Barreiros (2021, p. 142), “o surgimento da era digital forçou a sociedade a ressignificar o seu olhar e as suas formas de lidar com o mundo”, no entanto, ainda se percebe uma lacuna no que concerne às línguas autóctones africanas nos meios digitais.

Morram (2000) afirma que a internet tem possibilitado novas formas de ensinar e aprender, nesse sentido, as ferramentas digitais como aplicativos de ensino de línguas, plataformas colaborativas, bancos de dados linguísticos, redes sociais e inteligências artificiais permitem o registro, a difusão e o uso cotidiano dessas línguas, promovendo seu resgate e fortalecimento. Ao enfatizar esse potencial, Morram (2000) desloca a compreensão da tecnologia de um lugar meramente instrumental para um espaço de disputa simbólica, em que se negocia quais línguas e quais culturas terão visibilidade e legitimidade.

Tal perspectiva é especialmente relevante quando articulada à educação linguística afrocentrada, pois evidencia que o ambiente digital pode funcionar tanto como mecanismo de reprodução de desigualdades linguísticas quanto como campo de reexistência digital, no qual línguas e variedades historicamente marginalizadas — sobretudo aquelas associadas a populações negras.

Importante ressaltar que o uso das tecnologias digitais não deve ser entendido de forma neutra ou acrítica como ressaltado por pesquisadores como Marcuschi (2002), Libânio (1983), Almeida (2008, 2004) e outros. A lógica algorítmica que organiza os

ambientes digitais tende a reproduzir assimetrias de poder, privilegiando conteúdos em línguas hegemônicas e invisibilizando outras formas de expressão. A apropriação crítica e comunitária dessas tecnologias é essencial para que sua aplicação no campo linguístico realmente contribua com a equidade linguística e o reconhecimento da diversidade linguística.

Pierre Lévy reconhecido por suas contribuições ao entendimento das implicações culturais das tecnologias digitais, oferece uma perspectiva crítica sobre o papel dessas tecnologias na promoção da diversidade linguística. Lévy (1999) trata essas tecnologias como ciberespaços, argumenta que, ao contrário das mídias de massa tradicionais, possibilita uma comunicação mais descentralizada e interativa, permitindo que indivíduos e comunidades com recursos limitados produzam e difundam suas próprias informações.

Lévy (1999) e Crystal (2003) convergem ao reconhecer o potencial transformador das tecnologias digitais, mas o fazem a partir de ênfases distintas que, quando articuladas, revelam a complexidade das dinâmicas linguísticas no ambiente digital. Para Lévy, os ciberespaços constituem ambientes descentralizados, colaborativos e potencialmente democratizadores, nos quais indivíduos e comunidades antes silenciados pelas mídias de massa podem produzir e disseminar seus próprios conhecimentos. Crystal (2003), embora reconheça esse mesmo potencial, chama atenção para o fato de que essa abertura não ocorre em um terreno neutro: as relações de poder que atravessam o mundo offline também se projetam no digital, criando assimetrias que podem favorecer a hegemonia de determinadas línguas, especialmente o inglês e, conseqüentemente, pressionar outras línguas à marginalização.

No contexto digital, essa dinâmica se manifesta na predominância do inglês em plataformas online, softwares e conteúdos disponíveis na internet. Essa hegemonia pode marginalizar outras línguas e culturas como é o caso das africanas, limitando a diversidade linguística no ciberespaço. Crystal (2003) observa que, embora a internet

ofereça oportunidades para a expressão de diversas línguas, a realidade é que muitas vezes ela reforça as línguas dominantes, tornando-se um reflexo das desigualdades existentes no mundo offline.

A afirmação de Crystal (2003) evidencia que o ambiente digital não se constitui como um espaço neutro ou automaticamente inclusivo; ao contrário, ele reproduz e, por vezes, intensifica hierarquias linguísticas já consolidadas. Isso ocorre porque a produção de conteúdo, o desenvolvimento tecnológico e as ferramentas digitais são majoritariamente guiados por países e corporações que operam em línguas hegemônicas, especialmente o inglês. Assim, o que poderia funcionar como espaço de pluralidade e democratização torna-se, em muitos casos, um terreno de homogeneização linguística, no qual línguas minorizadas permanecem invisibilizadas ou restritas a nichos de circulação reduzida.

3 Léxico das línguas africanas em plataformas digitais

O léxico de origem africana, de modo geral, se constitui um campo significativo para a análise das dinâmicas linguísticas contemporâneas, evidenciando a presença e a influência histórica das línguas africanas não somente no contexto brasileiro, mas em diversos países do continente africano, a exemplo de Angola. Assim sendo, a incorporação de lexias oriundas do legado africano nas variedades do português tem se revelado um processo de ressignificação e valorização linguística, porque rompe com o apagamento histórico que marcou a presença africana na formação cultural e linguística do Brasil.

Durante séculos, palavras, expressões e estruturas provenientes de línguas africanas foram estigmatizadas, associadas à informalidade ou desconsideradas como parte legítima do português brasileiro. Hoje, contudo, o reconhecimento dessas lexias atua como um gesto político e epistemológico que reafirma a contribuição africana para o repertório linguístico nacional, deslocando hierarquias que colocavam o português europeu como modelo exclusivo de legitimidade.

Antes, porém, de adentrar em tal discussão, é importante destacar o que se constitui léxico. Silva (2021) afirma que as marcas lexicais desempenham papel fundamental na língua, proporcionando aos falantes a capacidade de comunicação eficaz. É relevante destacar que o léxico compõe um repositório de conhecimento cultural específico de determinado grupo social. Por meio do léxico os indivíduos não apenas expressam sua inserção social, mas também manifestam sua cultura e viabilizam a compreensão de sua língua, reafirmando identidades e vínculos comunitários.

De acordo com Antunes (2012), o léxico de uma língua pode ser compreendido como o vasto repertório de palavras disponíveis aos falantes para atender às suas necessidades comunicativas. Juntamente com a gramática, especialmente nos níveis da morfossintaxe e da fonologia, o léxico constitui um dos principais componentes estruturais da língua. Afirma que o léxico de uma língua é um vasto conjunto de palavras que os falantes têm à disposição, para o ato de comunicação.

Para Antunes (2012), o léxico expõe duas fases importantes: a primeira, refere-se ao processo de lexicalização, isto é, pode surgir no léxico novas palavras em um processo decidido socialmente pelos falantes, levando em consideração as necessidades comunicacionais; a outra, está no processo de deslexicalização, assim como a palavra pode surgir de acordo com a necessidade da sociedade, da mesma forma pode cair em desuso ou passar a ser usada em situações mais limitadas, como aconteceu (ou acontece) nas línguas africanas, exposto em Silva (2021) e Bonvini (2008).

Conforme observa Zavaglia (2012), o léxico está profundamente vinculado à cultura de um povo ou nação, refletindo, de forma direta, sua trajetória histórica, como nas línguas africanas. Dessa maneira, pode-se afirmar que o léxico se constitui como um repositório das tradições, dos costumes e dos valores morais de uma determinada sociedade, manifestando uma visão de mundo particular e culturalmente situada. Nesse sentido, Orsi (2012) argumenta que o léxico abrange uma vasta gama de

morfemas, desde as unidades mínimas, como os vocábulos monossilábicos, até estruturas mais complexas, a exemplo das expressões idiomáticas.

O léxico, enquanto componente estruturante da língua, abrange a maior parte dos morfemas e configura-se como um instrumento fundamental para o registro e a organização do conhecimento sobre o universo. Sua natureza dinâmica impede a delimitação de um número fixo de vocábulos, uma vez que novas unidades lexicais são constantemente incorporadas à língua. Os falantes, por sua vez, estão em contínuo processo de aprendizagem e apropriação de novas palavras e de seus significados (Rey-Debove, 1984; Antunes, 2012).

Segundo Petter (2008, p. 71),

As línguas refletem nos seus léxicos o espaço onde são faladas e o momento histórico em que são utilizadas como meio de comunicação e expressão. Mudanças sociais são sempre designadas por um conjunto de termos novos, que podem ser inéditos enquanto expressão linguística ou podem ser resultantes de um emprego especializado de uma forma já existente na língua.

Essa perspectiva é particularmente relevante para a compreensão das línguas africanas, cujos léxicos são moldados pelas realidades sociais, políticas e culturais dos povos que as falam. O léxico das línguas africanas não apenas expressa a diversidade dos contextos socioculturais nos quais essas línguas estão inseridas, mas também revela dinâmicas identitárias, formas de resistência e estratégias de preservação da memória coletiva desses povos.

As línguas africanas foram transplantadas para o Brasil juntamente com os povos que foram forçados à condição de mão de obra escravizada. Esse processo ocorreu em diferentes ciclos de tráfico transatlântico, que influenciaram diretamente a diversidade linguística trazida ao território brasileiro. Estima-se que, no século XVI, tenha ocorrido o chamado ciclo da Guiné; no século XVII, predominou o ciclo do Congo e de Angola; e, no século XVIII, intensificou-se o ciclo da Costa da Mina e da Baía do Benim. Já no século XIX, apesar da maior diversidade na origem dos africanos

trazidos, continuavam a predominar os provenientes de Angola e Moçambique. Esses fluxos migratórios forçados contribuíram para a presença significativa de diversas línguas africanas no Brasil, cuja influência se fez sentir em diferentes domínios da cultura e da linguagem (Bonvini, 2008).

Assim sendo, Silva e Araujo (2022) afirmam que o primeiro contato do português com as diversas línguas africanas teve início ainda durante o trajeto transatlântico, uma vez que os indivíduos africanos, provenientes de distintas etnias e regiões, eram confinados juntos nos porões dos navios negreiros, o que inevitavelmente favorecia a comunicação entre eles. Esse processo de interação linguística não apenas intensificou o contato entre as próprias línguas africanas, mas também estabeleceu as bases para o contato com a língua portuguesa, que se intensificaria ao longo das etapas de captura, transporte e posterior inserção desses povos no contexto colonial brasileiro.

No âmbito dos estudos sobre o contato linguístico, Petter (2011) ressalta que o léxico constitui uma das evidências mais significativas desse fenômeno, uma vez que carrega marcas históricas dos intercâmbios entre línguas e culturas. Por meio do vocabulário, é possível identificar influências externas, empréstimos linguísticos e adaptações semânticas que refletem os contextos sociais e históricos nos quais os falantes estiveram inseridos. Assim, o léxico funciona como um registro vivo das interações linguísticas e culturais ao longo do tempo.

Com o passar do tempo, muitas lexias podem cair em desuso, seja por mudanças culturais, tecnológicas ou sociais. Palavras que antes eram comuns podem deixar de ser utilizados à medida que novos vocábulos surgem para substituir antigos conceitos ou nomear novas realidades. Esse processo natural de transformação linguística reforça a importância do registro das palavras em obras lexicográficas, como dicionários, vocabulários e glossários, que preservam não apenas os significados, mas também a história e a identidade cultural de uma comunidade.

Diante disso, Bonvini (2008) reitera esse fato quando afirma que esse processo também ocorreu (e ainda pode acontecer) nas línguas africanas, visto que muitas lexias deixaram de ser utilizadas, porque não fazem mais parte do cotidiano da comunidade de fala. Esse fenômeno de apagamento lexical pode atingir especialmente as línguas africanas, muitas das quais são transmitidas principalmente de forma oral. Sem muitos registros escritos, há um risco maior de que palavras, e até mesmo línguas inteiras, desapareçam com o tempo. Por isso, a produção de obras lexicográficas que documentem essas línguas é essencial para garantir sua preservação, valorização e transmissão às futuras gerações, contribuindo para a manutenção da diversidade linguística.

Bonvini (2008) assevera que os primeiros debates sobre a presença das línguas africanas no português do Brasil começaram somente na segunda metade do século XIX. Nina Rodrigues (1932) se destaca como uma das primeiras vozes a tratar do tema com rigor, ao abordar o assunto em sua obra *Os africanos no Brasil*, escrita entre 1890 e 1905, mas publicada apenas em 1932. Além de delimitar com clareza o problema, Rodrigues (1932) o insere dentro do panorama dos estudos científicos de sua época, dialogando com produções anteriores, como as de Macedo Soares (entre 1880 e 1886) e João Ribeiro. Este último, por sua vez, dedicou-se ao tema no verbete *Elemento negro* de seu Dicionário gramatical (1897).

No que concerne ao léxico,

Dois textos, publicados em 1933, inauguram o debate. O primeiro, *A influência africana no português do Brasil*, de Renata Mendonça, traça o itinerário da origem, banta ou sudanesa, dos africanos transplantados para o Brasil e apresenta uma exposição sumária da gramática das línguas africanas, assim como um inventário de palavras e de particularidades do português do Brasil que o autor considera de origem africana. O segundo, *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, de Jacques Raimundo, segue o mesmo esquema, baseando suas observações numa pesquisa mais precisa sobre as línguas africanas. Com exceção de algumas diferenças de detalhes de suas exposições, os dois concluem que a maior parte dos aspectos

característicos do PB se deve à influência das línguas africanas, principalmente o quimbundo e o iorubá (Bonvini, 2008, p. 17).

É importante destacar que esse conjunto de vocábulos de origem africana foi se formando de maneira gradual. Trata-se do resultado de um processo histórico extenso, com mais de quinhentos anos de duração, marcado por sua continuidade e complexidade. De acordo com Bonvini (2008a), esse processo teve início em Portugal no século XV, prosseguiu na África ao longo dos séculos seguintes. Ao longo desse percurso histórico, ocorreu a incorporação gradual de palavras africanas ao léxico, enriquecendo significativamente o vocabulário da língua portuguesa.

Quanto aos estudos que atestou haver vocábulos de origem africana no português brasileiro, Bonvini (2008a) apresenta os seguintes dados no Quadro 1:

Quadro 1 – Vocábulos de origem africana no português nos séculos XVII, XVIII e XIX.

Século		Autor	Quantidade de vocábulos
XVII	Língua Kimbundu falada no Brasil, gramatizada em Salvador, Bahia	Pedro Dias (1697)	227
XVIII	Língua minna, língua veicular africana falada em Minas Gerais	Antônio de Costa Peixoto (s/a)	831
XIX	Lista de palavras de línguas africanas faladas em São Salvador de Bahia	Nina Rodrigues (1890-1905)	Grunce – 172 Jeje – 86 Hauçá – 88 Canúri – 88 Tapa – 60 Total: 1650

Fonte: adaptado de Bonvini (2008a).

Alkmim e Petter (2009) corroboram afirmando que no século XX, os estudos sobre africanismos ganham novo fôlego e observa-se que, de um lado, há um aumento significativo na quantidade de vocábulos africanos identificados no português do Brasil; de outro, uma atenção crescente à variação regional desses vocábulos. Enquanto no século XIX pouco mais de cem palavras haviam sido registradas, esse número salta

para mais de 300 nas primeiras décadas do século XX e ultrapassa 2.000 itens nos dicionários especializados lançados nas últimas décadas do século.

Raimundo (1933) levanta 309 vocábulos de origem africana e acrescenta 132 topônimos ao seu repertório. Ele chama atenção para a expressiva presença do "elemento afro-banto" e explica que, embora tenha reunido um número maior de vocábulos, não pôde incluir todos os derivados no Vocabulário (segunda parte de sua obra) devido à limitação de espaço editorial. Mesmo assim, menciona exemplos como "funje", "ganja", "mamona", "murundu", "mucama/mucamba", "samba" e "urucungo". As entradas são acompanhadas de definições, explicações etimológicas e, quando há incerteza quanto à origem africana, o autor argumenta em favor dessa hipótese. Em 1936, Raimundo amplia seu levantamento na obra *O negro brasileiro e outros estudos*, incluindo ainda mais termos, conforme destacado por Petter (2002, p. 129).

Alkmin e Petter (2008), destacam ainda que Renato Mendonça (1973), por sua vez, apresenta um glossário com 375 vocábulos africanos usados no Brasil ou por autores brasileiros. Cada verbete contém definição, etimologia, área geográfica de ocorrência e, quando possível, citações de escritores nacionais como comprovação de uso. Sua obra teve quatro edições, sendo a terceira a única que trouxe revisões significativas, sobretudo sobre a distribuição ou expansão dos termos registrados.

Tanto Raimundo quanto Mendonça ampliam o inventário de palavras de origem africana ocidental, ausentes nos levantamentos dos séculos XVII e XVIII (Alkmim; Petter 2008). Esses vocábulos, que começaram a ser reconhecidos timidamente apenas no fim do século XIX, passam a ganhar visibilidade e sistematização com os trabalhos desses dois autores.

A investigação teve como ponto de partida a construção de um *corpus* baseado nos registros lexicais reunidos por Yeda Pessoa de Castro (2001) em sua obra *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Esse material serviu de base para a

análise das palavras de origem africana, permitindo observar sua presença, uso e circulação no português falado no Brasil, especialmente no contexto baiano.

A análise preliminar dos dados revela a possibilidade de agrupá-los em três categorias distintas. A primeira categoria abrange 30 palavras que circulam amplamente e podem ser empregadas em qualquer situação comunicativa, independentemente do contexto social. A segunda categoria reúne 9 termos de caráter mais coloquial, utilizados informalmente e que, conforme a situação, podem ser trocados por expressões mais neutras ou formais. Já a terceira categoria concentra 17 vocábulos de uso bastante restrito, fortemente marcados pela informalidade e geralmente presentes em contextos específicos ou em grupos sociolinguísticos determinados (Petter, 2008).

Vale destacar que tanto as obras de Castro (2001) e Alkmim e Petter (2008) que trazem esse inventário de lexias, embora disponível digitalmente na rede, os dados lexicográficos não se encontram registrado em dicionários digitais especializados de línguas africanas. Isso evidencia uma lacuna nos repositórios lexicográficos contemporâneos, especialmente no que diz respeito à inclusão de vocábulos de origem africana que fazem parte do português falado no Brasil. Tal ausência reforça a necessidade de atualização e ampliação desses instrumentos, de modo a refletir com mais fidelidade a diversidade e riqueza do léxico nacional.

Essa carência nos repositórios digitais é preocupante, pois invisibiliza uma parte essencial da história e da diversidade do português brasileiro. Enquanto plataformas online ganham cada vez mais espaço no acesso ao conhecimento linguístico, a exclusão de palavras de origem africana reforça hierarquias coloniais e contribui para o apagamento linguístico e cultural. O vocabulário africano, presente em expressões cotidianas, na culinária, na religiosidade, na música e na organização social, precisa ser reconhecido como parte integrante do patrimônio linguístico nacional.

Dessa forma, a criação de um dicionário digital voltado especificamente para o léxico de origem africana no Brasil é uma demanda urgente e de grande relevância. Uma plataforma digital não apenas serviria como repositório de dados lexicais, mas também como um espaço de valorização das contribuições das populações africanas e afrodescendentes para a formação do português brasileiro. Além disso, teria potencial educativo, permitindo que estudantes, professores, pesquisadores e o público geral tenham acesso facilitado a esse conhecimento.

A digitalização e sistematização dessas palavras representa um avanço importante para a pesquisa linguística. Um dicionário digital, portanto, permite a organização do material por campos semânticos, por origem etnolinguística (como bantu, iorubá, fon, entre outras), por distribuição geográfica e por frequência de uso, o que contribuiria para estudos mais aprofundados sobre a vitalidade desses vocábulos, sua evolução ao longo do tempo e seu papel nas variações regionais do português falado no Brasil.

3 Metodologia

A presente pesquisa está centralizada na análise de lexias de origem africana nas variedades do português falado em Luanda e na comunidade quilombola Mussuca, em Sergipe, presentes nos *corpora* do projeto *Em busca de raízes do português brasileiro: estudos morfossintáticos*, fase III e *Caracterização do português popular falado em comunidades rurais afro-brasileiras da Bahia e de Sergipe: documentação de comunidades de práticas afro-brasileiras para o estudo de contatos linguísticos*.

Para a concretização da pesquisa, levam-se em consideração as premissas da Linguística de *Corpus* que, de acordo com Sardinha (2000), tem a função de coletar e explorar os *corpora*, ou conjuntos de informações linguísticas textuais coletadas cautelosamente com a finalidade de valerem para a investigação de uma língua ou variedade linguística. Desse modo, é possível afirmar que, a Linguística de *Corpus*,

debruça-se sobre a exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por meio de ferramentas computacionais.

Sardinha (2000) afirma ainda que, na contemporaneidade, a Linguística de *Corpus* exerce uma influência muito grande na pesquisa linguística. Assim, empregam-se nessa pesquisa os procedimentos metodológicos sugeridos por esse campo, no que se refere à coleta e obtenção de dados para a análise das lexias de base africana. Tais procedimentos referem-se à utilização de programa computacional, a fim de selecionar as informações necessárias na tentativa de conseguir os resultados desejados. Nessa perspectiva, salienta-se que “a Linguística de *Corpus* está, portanto, intimamente ligada à disponibilidade de corpora eletrônicos” (Sardinha, 2000, p 329).

A fim de obter os resultados esperados, considerou-se os princípios da lexicografia moderna, que consiste na utilização de *corpus* e ferramentas computacionais para a construção de uma obra lexicográfica, observou-se, primeiramente, as lexias presentes nos *corpora* e com o auxílio da ferramenta computacional *AntConc*, elaborou-se uma lista de palavras passíveis de análise.

O programa para esta pesquisa teve a função de compilar e selecionar as lexias existentes nos *corpora* em análise. A interface dessa ferramenta é muito simples, em uma própria janela, é aceitável navegar por diferentes opções de análise. Assim, para utilização desses recursos foi necessário seguir alguns passos, como listado abaixo.

1. Organização das entrevistas separadamente em arquivo no *Microsoft Word* a fim de que cada participante fosse contemplado de forma particular.
2. Conversão dos arquivos organizados em formato PDF e, posteriormente, carregado no menu *AntfileConverter*, disponibilizado no próprio *AntConc*, para o formato txt indicado para uso no programa.

Depois de concretizado esse processo, foi criada uma lista de lexias, fornecida pelo próprio programa após clicar menu *Wordlist*. Para isso, foi necessário carregar o arquivo já convertido em txt no programa e uma lista com todas as lexias presentes nos *corpora* foi gerada automaticamente. Dessa forma, foi possível perceber os

significados no uso com lexias expostas por Castro (2001), Assis-Júnior (1942) e Houaiss, Villar e Franco (2008). Acessando esse menu o texto é mostrado na íntegra de arquivos individuais, permitindo a investigação mais detalhada dos resultados obtidos pelo menu *Concordance* (Barreiros, 2017, p. 225).

O Quadro 2 mostra as lexias encontradas nos *corpora* utilizando a ferramenta computacional citada acima.

Quadro 2 – Lexias de origem africana encontradas nos corpora de pesquisa.

LEXIAS DE ORIGEM AFRICANA ENCONTRADAS NOS CORPORA				
Angola	Cabaça	Farofa	Macate	Pejo
Babá	Cachaça	Forró	Maconha	Quiabo
Bagunça	Cachimbo	Fubá	Macumba	Quilombos
Baia	Caçula	Funje	Mangar	Quilombola
Banguê	Calulu	Gangorra	Maquixi	Quimbo
Banguela	Calumbi	Garapa	Marimba	Quizomba
Batucar	Candeia	Gimbo	Milongo	Samba
Batuque	Candomblé	Iá	Moamba	Soba
Bengo	Candongas	Jabá	Mocotó	Vovô
Benguela	Candongueiros	Jimboa	Moqueca	Xangô
Berimbau	Cangaço	Jinguba	Muamba	Xingar
Bica dibon	Caruru	Kianda	Múcua	Zamba
Bobó	Catete	Kizaca	Mugunzá	Zonza
Bombo	Cuca	Kizumba	Mulemba	Zunga
Bué	Damba	Kwanza	Mussalo	
Bumba	Dembo	Luanda	Nagô	
Bunda	Dendê	Macaco	Ngongo	

Fonte: Silva (2025).

Para a produção do “Vozes da África: vocabulário digital de línguas autóctones africanas”, seguiu-se os princípios postulados por Granger (2012).

Uso de *corpus* integrado: conforme proposto por Granger (2012), refere-se à combinação de diferentes tipos de *corpus* linguísticos para análise e pesquisa linguística. Cabe salientar que um *corpus* é um conjunto estruturado de textos ou amostras de língua que são coletados, armazenados e processados eletronicamente para fins de estudo linguístico.

Embora Granger (2012) ressalte a importância da combinação de diversos tipos de *corpus*, para a pesquisa aqui apresentada foram selecionadas amostras de fala da variedade do português angolano enquanto língua materna (L1) e língua adquirida (L2) e amostra de fala da comunidade quilombola Mussuca, situada no estado de Sergipe.

Quantidade e qualidade de dados: é importante ter um volume adequado de dados linguísticos para realizar análises mais aprofundadas. Um *corpus* grande pode oferecer uma visão mais abrangente da língua, permitindo identificar diversos aspectos linguísticos.

A qualidade dos dados também é fundamental, pois inclui a precisão, a relevância e a confiabilidade das informações contidas no *corpus*. Salienta-se que os *corpora* escolhidos apresentam um grande volume de dados, sendo que a amostra do português falado em Luanda é composta por 58 entrevistas e a amostra do português falado na comunidade quilombola Mussuca é composta por 12 entrevistas, somando um total de 70 entrevistas. Ressalta-se ainda que todas as entrevistas aconteceram considerando o modelo do desenvolvimento de pesquisa sociolinguística, isto é, houve critérios de seleção dos participantes, como mostrados na subseção anterior.

Eficiência e rapidez de acesso: existe a necessidade de sistemas eficientes para acessar dados de uma obra lexicográfica eletrônica ou digital, isso inclui a utilização de ferramentas de busca e consulta que permitam aos pesquisadores localizar rapidamente as lexias relevantes para sanar suas dúvidas.

Assim sendo, é importante ressaltar que ter acesso rápido e eficiente aos dados é essencial, a fim de garantir que os pesquisadores possam explorar a obra de maneira eficiente e produtiva. Diante disso, no “Vozes da África”, vocabulário digital produzido para divulgação e consulta dos dados desta pesquisa, explora essas ferramentas de busca para que o usuário tenha uma experiência ágil e satisfatória.

Customização do dicionário: refere-se à capacidade de adaptar e personalizar um dicionário ou vocabulário de acordo com as necessidades específicas dos usuários,

contexto ou domínio linguístico. Em outras palavras, envolve a adaptação do conteúdo, formato e funcionalidades da obra lexicográfica para atender às necessidades específicas do usuário, contexto ou domínio linguístico. Ao fornecer um dicionário personalizado e contextualizado, os usuários podem acessar informações relevantes e precisas que atendam às suas necessidades individuais de comunicação e compreensão linguística.

No “Vozes da África, vocabulário digital de línguas autóctones africanas”, pensou-se em um modelo dinâmico e de fácil utilização, visto que pretende atender às necessidades de confeccionar, promover e divulgar informações sobre as lexias de línguas africanas presentes nas variedades do português angolano e brasileiro.

Uso de ferramentas híbridas: Granger (2012) afirma que o uso de ferramentas híbridas oferece uma abordagem flexível e inovadora para o desenvolvimento de recursos linguísticos. Ao integrar métodos tradicionais e computacionais, as ferramentas híbridas podem melhorar a eficiência, precisão e relevância dos recursos linguísticos, beneficiando tanto os pesquisadores quanto os usuários finais.

Assim sendo, para confecção do “Vozes da África” foi utilizado a ferramenta computacional *AntConc*, além da plataforma *WordPress*, responsável pela organização do vocabulário digital. Granger (2012) propõe ainda a utilização de recursos como *hiperlinks* a fim de dinamizar a experiência do usuário, logo, foram utilizados também recursos como, hiperlinks, imagens, cores, textos, botões de acesso a páginas e outros recursos capazes de complementar as pesquisas realizadas na página.

Colaboração do usuário: de acordo com Granger (2012), esse recurso refere-se à possibilidade de o usuário contribuir por meio de envio de novas informações sobre o verbete. Assim sendo, no vocabulário aqui apresentado essas informações poderão ser enviadas no campo “fale com o autor”, que serão recebidas por meio de e-mails.

É importante salientar que uma das características distintivas da lexicografia eletrônica é a capacidade de atualização contínua de uma obra, ao contrário dos dicionários impressos, que apresentam edições limitadas e podem se tornar

desatualizados com o passar do tempo, os recursos lexicográficos eletrônicos podem ser constantemente atualizados para refletir as mudanças na língua. Logo, essa flexibilidade tem permitido que os lexicógrafos incorporem novas palavras, bem como as mudanças gramaticais e variações de maneira mais ágil.

No que concerne a organização das lexias no glossário, optou-se pela entrada convencional, isto é, em ordem alfabética, destacada em negrito, numa ordem semasiológica, partindo significante para o significado. Quanto aos critérios de lematização, foram mantidas as formas lexicais originais encontradas nos corpora, visto que refletem as comunidades de falas pesquisadas, somente os verbos foram para o infinitivo, pois representam menor marcação sintática.

Para atestar a origem das lexias, além das obras de Castro (2001) foram consultadas outras fontes como dicionários de línguas portuguesa e africanas. Alguns dicionários são consagrados por seu extenso acervo lexical e atestação de algumas palavras, como o Houaiss, por exemplo. Assim, foi utilizado o dicionário Houaiss (2008) como fonte de consulta, visto que traz consigo lexias de etimologia africana presentes na variedade de português brasileiro. Utilizou-se ainda o dicionário Kimbundu-português, construído por Assis-Júnior (1947), que trazem palavras de etimologia africana com tradução e acepções em língua portuguesa.

4 Educação linguística afrocentrada: a criação de um vocabulário digital como prática pedagógica e cultural

A educação linguística é o processo contínuo e integrado de formação que envolve diversos fatores socioculturais responsáveis por permitir ao indivíduo, ao longo de sua vida, adquirir, desenvolver e expandir seus conhecimentos sobre sua língua materna, outras línguas, a linguagem em sentido amplo e demais sistemas de significação. Esse processo abrange aspectos formais e estruturais da língua, assim como os saberes simbólicos que circulam socialmente, como crenças, representações, mitos, preconceitos e superstições relacionados à língua.

A perspectiva da educação linguística afrocentrada fundamenta-se no reconhecimento das contribuições das línguas e culturas africanas para a constituição do português brasileiro e na valorização dos repertórios linguísticos oriundos das populações afrodescendentes. Em oposição a modelos eurocêntricos de ensino de línguas, essa abordagem propõe a inserção crítica e sistemática dos saberes e práticas linguísticas africanas no processo educativo, compreendendo-os como componentes legítimos e estruturantes da identidade linguística nacional.

Ao incorporar uma perspectiva afrocentrada no ensino de línguas, objetiva-se problematizar a lógica hierarquizante que marginaliza variedades linguísticas não alinhadas à norma-padrão, sobretudo aquelas associadas a comunidades negras e populares. Nesse sentido, o foco recai sobre o combate ao preconceito linguístico e à ideologia do déficit, substituindo a noção de erro pela de variação. A presença de elementos linguísticos de origem africana no léxico, na prosódia, nas formas expressivas e na pragmática do português falado no Brasil deve ser compreendida como expressão de processos históricos de resistência cultural, e não como desvios linguísticos (Bagno, 1999; Castro, 2001).

Ademais, a educação linguística afrocentrada implica uma articulação entre a língua portuguesa e as línguas africanas que compõem a herança cultural afro-brasileira, é nessa perspectiva que foi pensada a criação do vocabulário digital de línguas africanas¹.

A produção de um vocabulário digital, como o Vozes da África², tem representado uma evolução muito significativa no campo da produção lexicográfica e da disponibilização desses recursos à comunidade. Com a crescente digitalização da informação e o avanço das tecnologias da informação e comunicação, não somente os

¹ É importante salientar que essa obra lexicográfica digital compõe o produto da tese de doutoramento *Vozes da África no português angolano e brasileiro: conexões, semelhanças e construção de um vocabulário digital*, de Josimar Silva (2025), orientada pela professora dra. Silvana Silva de Farias Araujo e dr. Patrício Nunes Barreiros, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL-UEFS).

² Disponível em www.glosafrica.com.br

dicionários, mas ainda os vocabulários digitais se tornaram uma ferramenta de suma importância para a busca, consulta e compreensão de termos e conceitos em diversos domínios.

É importante compreender que os vocabulários digitais são acessados online, permitindo que usuários em todo o mundo consultem e explorem uma ampla variedade de termos e definições de forma rápida, conveniente e atualizada, assim sendo, essa é a verdadeira intenção da produção do Vozes da África, além de servir como recursos pedagógicos para promover uma educação linguística afrocentrada. Esses recursos oferecem uma plataforma interativa e dinâmica para a organização e apresentação de informações terminológicas, proporcionando uma experiência de busca e aprendizado enriquecedora para os usuários.

Ao reunir esse repertório em uma plataforma digital, busca-se não apenas preservar esses elementos linguísticos, mas também incorporá-los de modo efetivo às práticas educativas, valorizando a ancestralidade africana como componente estruturante da formação linguística e identitária dos estudantes afrodescendentes, corroborando com a lei 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para incluir o ensino de história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares do ensino fundamental e médio.

Essa ferramenta digital pretende funcionar como um recurso didático-pedagógico que subsidie professores, pesquisadores e estudantes na promoção de práticas de ensino de línguas mais inclusivas, críticas e representativas da diversidade cultural brasileira. Ao colocar em evidência a presença das línguas africanas no cotidiano linguístico, o vocabulário digital certamente contribui para o enfrentamento do preconceito linguístico e para a desconstrução de discursos que marginalizam formas de expressão enraizadas nas culturas negras. Dessa forma, a plataforma se configura como instrumento de valorização das memórias linguísticas silenciadas e de ampliação do repertório disponível no espaço escolar.

Portanto, a elaboração desse vocabulário digital não se limita a um esforço de documentação lexicográfica, mas se insere em um projeto político-pedagógico mais amplo de afirmação da identidade negra, fortalecimento das epistemologias e combate às assimetrias históricas que marcaram o ensino de línguas no Brasil. Trata-se de um passo fundamental para consolidar práticas educativas decoloniais, capazes de articular língua, cultura, memória e justiça social.

O Vozes da África³ reúne diversos recursos, sendo um deles a interatividade, que corresponde ao que Granger (2012) chama de colaboração dos usuários, que não apenas consultam definições e exemplos, mas também podem contribuir para o processo lexicográfico por meio de uma devolutiva, sugestões de novos termos e até mesmo possíveis correções. Isso cria uma comunidade colaborativa que enriquece e aprimora constantemente as obras lexicográficas digitais, assim foi construída uma página “fale com o autor” em que o leitor poderá colaborar com sugestões, tirar dúvidas, solicitar outros materiais, comentar alguma postagem entre outros.

Um dos grandes benefícios da lexicografia eletrônica está também na possibilidade de criação de conteúdos mais dinâmicos, por meio da inclusão de recursos multimídia. Além do texto, os dicionários eletrônicos muitas vezes oferecem áudio para pronúncia, imagens ilustrativas e até mesmo vídeos contextualizando o uso de palavras em situações reais.

Dessa forma, foram explorados esses recursos no vocabulário, isto é, foram incorporados às palavras hiperlinks que submeta o usuário a outras publicações, como textos, imagens, vídeos e sons (figuras 1 e 2). Cabe salientar que nem todas as lexias carregam consigo o hiperlink, visto que, como se trata de lexias de etimologia africana, há uma dificuldade muito grande em encontrar material publicado sobre as línguas.

³ www.glosafrica.com.br

Figura 1 – Hiperlink áudio.



VOZES DA ÁFRICA
Vocabulário digital de línguas autóctones africanas

Home Vocabulário Sobre o Autor Os Corpora O Projeto Fale com o autor

Caçula/ caçule

[« Back to Glossary Index](#)


Caçula (var. caçulé) s.2 gen. (kikongo, kimbundu, Umbundo). O mais novo dos filhos ou dos irmãos; o último a se manifestar (Castro, 2001 p. 187). O mais novo dos filhos ou irmãos (Houaiss; Villar, 2008 p. 121). **Corresp.:** kasuka/ kasule/okwasula. **Local de uso:** Luanda (L1), Mussuca. **Abon.** ... relativo, por quê? Porque assim, já o meu pai disse que o tempo de escolaridade é melhor do que o meu, e eu também digo a minha mana caçula pode dizer também o tempo de escolaridade é melhor que o dela, no futuro próximo se eu tiver um filho ou uma filha a minha mana caçula pode dizer também o tempo de escolaridade é melhor que o dela [...] (B. B, p. 4). Sim, sim sou a caçula, única menina (J.M, p.7). Depois, mais tarde a minha irmã caçule aparece. Assim que ela apareceu os miúdos disseram: "Tia, a tua mana está a se rebolar no chão mais dinheiro. Minha irmã pegou os dois mil e me deu. Eu, aquele" (A.V, p. 7). [...] mal essa menina minha que é a caçula olhe ela ali varrendo olhe é a minha filha caçula ela brincava no samba também (M.R, p. 8)

[« Voltar ao Glossário](#)

caçula 

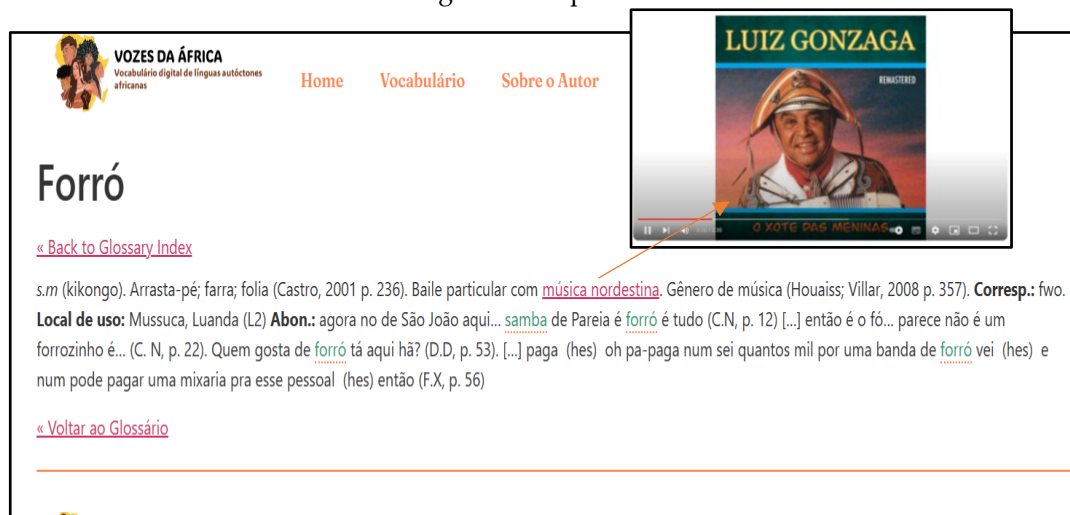
Significado de Caçula
substantivo masculino e feminino

Filha ou filho mais novo; o filho que nasceu por último.

Fonte: Vozes da África (2024).

Figura 2 – Hiperlink vídeo.



VOZES DA ÁFRICA
Vocabulário digital de línguas autóctones africanas


Home Vocabulário Sobre o Autor

Forró

[« Back to Glossary Index](#)

s.m (kikongo). Arrasta-pé; farra; folia (Castro, 2001 p. 236). Baile particular com música nordestina. Gênero de música (Houaiss; Villar, 2008 p. 357). **Corresp.:** fwo. **Local de uso:** Mussuca, Luanda (L2) **Abon.:** agora no de São João aqui... samba de Pareia é forró é tudo (C.N, p. 12) [...] então é o fó... parece não é um forrozinho é... (C. N, p. 22). Quem gosta de forró tá aqui hã? (D.D, p. 53). [...] paga (hes) oh pa-paga num sei quantos mil por uma banda de forró vei (hes) e num pode pagar uma mixaria pra esse pessoal (hes) então (F.X, p. 56)

[« Voltar ao Glossário](#)



Fonte: Vozes da África (2024).

No que concerne à acessibilidade, ressalta-se que é um benefício mais significativo da lexicografia eletrônica, visto que os usuários podem acessar e consultar os dicionários a qualquer momento e em qualquer lugar, seja por meio de navegadores

da web ou aplicativos em dispositivos móveis, facilitando, assim, o aprendizado da língua, a resolução de dúvidas linguísticas e a exploração do vocabulário de maneira mais eficiente. Para o “Vozes da África” ainda não foi oferecido o formato de aplicativo, todavia pode ser facilmente acessado pelo smartfone, não prejudicando, assim, sua interface fácil e prática de utilizar, em outras palavras, o vocabulário digital apresenta tanto a versão desktop (Figura 3), quanto a versão para aparelhos celulares que façam o uso de internet.

Figura 3 – layout para desktop.



Fonte: Vozes da África (2024).

A entrada lexical no “Vozes da África” foi projetada para fornecer ao usuário todas as informações necessárias para compreender e utilizar adequadamente a palavra em questão, servindo, portanto, como um ponto de referência rápida e confiável, ajudando os usuários a expandirem seu conhecimento e a aprimorar sua compreensão da língua.

No que se refere às obras consultadas para comprovar as acepções foram selecionadas *Falares Africanos na Bahia* (2001), da linguista brasileira Yeda Pessoa de Castro que explora a influência dos falares africanos na formação do português brasileiro, especificamente na região da Bahia. O livro investiga as contribuições

linguísticas trazidas pelos africanos escravizados durante o período colonial e como essas influências se mantiveram e se transformaram ao longo do tempo.

Sua escolha foi feita pelo fato de que ao longo da obra, Castro apresenta, através de um inventário de palavras, exemplos concretos do léxico, fonologia, morfologia e sintaxe que contribuíram para os falares africanos na Bahia, demonstrando a riqueza e a complexidade dessa influência linguística.

Foram empregados alguns recursos digitais no desenvolvimento do “Vozes da África”, a exemplo do hipertexto, hiperlinks ou recursos multimodais. Salienta-se que com o advento da tecnologia, sobretudo da internet, muito se tem discutido sobre o fato de que o ambiente digital tenha inaugurado novas práticas discursivas. Assim sendo, Lévy (1998) e Xavier (2003) tem mostrado que a sociedade está vivendo uma revolução digital que influencia o próprio modo de interação atual do ser humano.

O uso de hipertexto ou recursos multimodais na confecção do vocabulário digital enriqueceu significativamente a experiência do usuário, oferecendo uma maneira dinâmica e interativa de explorar e compreender o seu acervo vocabular. Foram criados links internos entre as entradas do vocabulário para permitir que os usuários naveguem facilmente entre termos relacionados. Ao ler a definição de uma palavra, os usuários podem clicar em um termo relacionado para acessar sua explicação dentro do vocabulário.

Em algumas ocorrências foram incluídos ainda links externos para fontes adicionais de informação, como artigos acadêmicos, sites de referência ou recursos multimídia. Isso permite que os usuários aprofundem sua compreensão sobre o termo em consultado. Além disso, foi implantado *pop-up*, em que os usuários podem clicar em um termo e ver sua definição instantaneamente em uma janela flutuante, como mostrado na Figura 4.

Figura 4 – Pop-up do Vozes da África.



Fonte: Vozes da África (2024).

Foi incluído um índice alfabético que permite aos usuários navegarem rapidamente por todas as entradas do vocabulário. Essa lista é hiperlinkada para que os usuários possam clicar em um termo e serem levados diretamente para sua definição.

Figura 5 – Índice alfabético do Vozes da África.



Fonte: Vozes da África (2024).

Foram fornecidos também exemplos de uso das lexias do vocabulário em contexto, de acordo com as situações de uso presente nos corpora, permitindo que os usuários entendam melhor como os termos são empregados na prática. Além das definições, foram inclusos links para recursos adicionais, como vídeos, artigos relacionados, imagens e outros textos. Isso proporciona aos usuários uma experiência mais envolvente e educativa durante a consulta no “Vozes da África”.

O menu de acesso, considera as necessidades estabelecidas para o acesso da própria página, de forma que contemple os objetivos do vocabulário. A Figura 6 mostra o menu de acesso.

Figura 6 – Menu de acesso do Vozes da África.



Fonte: Vozes da África (2024).

A Figura 6 mostra as principais páginas do menu. Nela pode-se observar uma sequência em que a página inicial consta uma breve apresentação da página, bem como se deve ser consultada; no menu Projeto consta uma descrição do projeto de pesquisa para a realização do presente trabalho; os corpora é o menu onde são apresentadas as entrevistas que compõem a pesquisa; no menu Vocabulário encontram-se as lexias de étimo africana, seguindo a ordem alfabética e semasiológica.

Na janela sobre o autor há um resumo do autor do presente trabalho, bem como seu contato, no menu fale com autor, o leitor poderá contribuir e forma efetiva enviando comentários, sugestões, elogios e ainda sugerir o acréscimo de novas palavras e, por fim, no menu referência são dispostas as principais referências utilizadas para compor o “Vozes da África”.

A alimentação da página refere ao conteúdo selecionado e depositado nos menus acima indicados, ou seja, a página foi alimentada depois da seleção das lexias e está constantemente atualizada. Necessitou-se da alimentação da página para criação e efetivação do vocabulário digital.

5 Considerações finais

A análise desenvolvida neste artigo reafirma a urgência de iniciativas que integrem tecnologia, educação e valorização das heranças linguísticas africanas presentes nas variedades do português angolano e brasileiro. A proposta de construção de um vocabulário digital de línguas africanas surge, assim, como um resultado concreto e estratégico diante da invisibilidade histórica desses repertórios nos espaços formais de ensino e nas principais plataformas lexicográficas contemporâneas.

Mais do que um repositório de palavras, o vocabulário digital representa um ato político de resistência e afirmação, frente aos processos históricos de apagamento das línguas e culturas africanas. Trata-se de uma ferramenta que não apenas sistematiza e disponibiliza lexias de origem africana, mas também visibiliza histórias, trajetórias e epistemologias que, por séculos, foram silenciadas pelo colonialismo e suas permanências.

Concebido no campo da educação linguística afrocentrada, esse instrumento rompe com paradigmas eurocêntricos, promovendo uma educação antirracista, decolonial e comprometida com a justiça social. Ao mesmo tempo, oferece suporte pedagógico a professores, estudantes e pesquisadores interessados em incorporar às

suas práticas educativas a valorização das contribuições africanas para a formação do Brasil linguístico e cultural.

A construção desse vocabulário digital constitui, portanto, um passo inicial, mas essencial, para fortalecer a presença da ancestralidade africana no ambiente digital e nos currículos escolares. Espera-se que esta iniciativa inspire outros projetos dedicados à documentação, salvaguarda e circulação dos saberes linguísticos e culturais africanos e afro-brasileiros, tanto no espaço acadêmico quanto nos contextos educativos formais e informais.

Por fim, este trabalho não se encerra na criação da plataforma, mas inaugura uma trajetória contínua de atualização, expansão e diálogo com as comunidades de fala, com pesquisadores e com a sociedade. Que esse percurso contribua para que as línguas africanas, em suas múltiplas expressões, ocupem, cada vez mais, os espaços que lhes foram historicamente negados, reafirmando o direito à memória, à língua e à história dos povos afrodescendentes.

Referências

ALKIMIM, T.; PETTER, M. M. T. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. *In*: PETTER, M.; FIORIN J. L. (org). **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008. p. 146-177.

ALMEIDA, M. E. B. Tecnologias na Educação: dos caminhos trilhados aos atuais desafios. **BOLEMA**: Boletim de Educação Matemática, v. 21, n. 29, p. 99-129, 2008.

ALMEIDA, T. F. O dicionário Caldas Aulete Digital: um produto folk? The Caldas Aulete Digital Dictionary: a folk product? **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 51, n. 2, 2022. DOI <https://doi.org/10.21165/el.v51i2.3246>

ANTUNES, I. O léxico de uma língua. *In*: ISQUERDO, A. N. (org.). **O território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 27-49.

ASSIS JUNIOR, A. **Dicionário Kimbundu-Português Linguístico, Botânico, Histórico e Corográfico seguido de um índice alfabético dos nomes próprios**. Luanda: Argente, Santos e Comp., 1947.

- BAGNO, M. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. Edições Loyola, 1999.
- BARREIROS, L. L. S. O uso de ferramentas computacionais na elaboração do Vocabulário de Eulálio Motta: AntConc e FLEEx. **A Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 18, n. 2, p. 216-241, 2017. DOI <https://doi.org/10.13102/cl.v18i2.1835>
- BOAVENTURA, T. M. L. A.; SANTOS, T. V.; BARREIROS, P. N. A filologia editorial na era digital. **Manuscrita**: Revista de Crítica Genética, São Paulo, Brasil, n. 44, p. 141–149, 2021. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2596-2477.i44p141-149>
- BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008. p. 15-62.
- BONVINI, E. Os vocabulários de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (org.) **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 101-144.
- BORTONI-RICARDO, S. M.; SILVA, K. A. Sociolinguística educacional: uma entrevista com Stella Maris Bortoni-Ricardo. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 22, n. 1, p. 219-231, 2022.
- BRAGA, D. B. **Ambientes digitais**: reflexões teóricas e práticas. Cortez, 2013.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- CASTRO, Y. P. **A língua mina-jeje no Brasil**. Um falar africano em Ouro Preto no século XVIII. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Séc. de Estado da Cultura, 2002.
- CASTRO, Y. P. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- CRYSTAL, D. **Linguística da Internet**: um guia para estudantes . Routledge, 2011.
- CRYSTAL, D. **Revolução da linguagem**. Zahar, 2005.
- GRANGER, S. Electronic lexicography: From challenge to opportunity. In: GRANGER, S.; PAQUOT, M. (ed.). **Electronic Lexicography**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 1-11. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199654864.003.0001>
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Minidicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Editora 34, 1999.

LIBÂNEO, J. C. Tendências pedagógicas na prática escolar. **Revista da Associação Nacional de Educação–ANDE**, v. 3, p. 11-19, 1983.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, v. 3, 2004.

MENDONÇA, R. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012 [1933].

ORSI, V. Lexicologia: o que há por trás do estudo da palavra. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (org). **Ciências de linguagem: o fazer científico**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012. p. 163-177.

PETTER, M. M. T. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: MELLO, E. H.; ALTENHOFEN, C; RASO, T. (org). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 139-156.

PETTER, M. M. T. Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 201-220, 2010.

PETTER, M. M. T. **Variedades linguísticas em contato: português angolano, português brasileiro e português moçambicano**. 2008. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008b. Tese (Livre Docência em Linguística) – FFLCH/USP.

RAIMUNDO, J. **O elemento afro-negro na língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. **Alfa** (Araraquara), São Paulo, v. 28, p. 45-69, 1984.

ROJO, R. Escritas digitais e novos letramentos. In: SIGNORINI, I; FRIEDRICH, J. (org.). **Letramentos em movimento**. Campinas: Mercado de Letras, 2019.

ROJO, R. **Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTANA SILVA, J.; SILVA, F. A., S. Léxico de línguas autóctones africanas presente no português falado na comunidade de Mussuca, no estado de Sergipe. **Travessias**

Interativas, São Cristóvão-SE, v. 12, n. 26, p. 177–190, 2023. DOI <https://doi.org/10.51951/ti.v12i26.p177-190>

SARDINHA, T. B. Linguística de *corpus*: histórico e problemática. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo. v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-44502000000200005>

SILVA, E. V.; SILVA, K. A; SALOMÃO, C. B. Dossiê 2024: Educação linguística e cultural mediada por tecnologias digitais. **Texto Livre**, v. 17, p. e52587, 2024. DOI <https://doi.org/10.1590/1983-3652.2024.52587>

SILVA, J. S. A língua dos “bastardos” vítimas do colonialismo português. **Revista Macambira**, Serrinha, v. 8, n. 1, p. 1–20, 2024. DOI <https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1420>

SILVA, J. S. **Léxico de origem africana no português falado em Luanda**. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana, 2021.

SILVA, J. S. **Vozes da África no português angolano e brasileiro**: conexões, semelhanças e construção de um vocabulário digital. 2025. 246f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Feira de Santana, 2025.

SILVA, J. S.; ARAÚJO, S. S. F. Léxico de línguas autóctones africanas presente no português falado na comunidade de Mussuca, no estado de Sergipe. **Travessias Interativas**, n. 26, p. 177-190, 2022. DOI <https://doi.org/10.51951/ti.v12i26.p177-190>

SILVA, J. S.; ARAÚJO, S. S. F. Léxico de línguas autóctones africanas presente no português falado na comunidade de Mussuca, no estado de Sergipe. In: **XI Encontro de Sociolinguística** - Salvador, 2021. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/xiencontrodesociolinguistica/trabalho/217022>. Acesso em: 19 jul. 2023.

XAVIER, R. C. S. **Ciberespaço, cibercorpo, ciberaprendizagem**: o novo status do conhecimento. 2003. Disponível: <https://ri.ucsal.br/server/api/core/bitstreams/e19a37f0-7224-4183-aaa3-cea8bb7cbf4c/content>. Acesso em : 13 mai. 2025

ZAVAGLIA, C. Metodologia em ciências da linguagem: lexicografia. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (org). **Ciências de linguagem**: o fazer científico. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012. p. 231-264.